



Ensina-nos a contar os nossos dias: uma análise intertextual dos 120 anos da vida do homem na Bíblia Hebraica

Teach us to Number our Days: an Intertextual Analysis of the 120 years of Man's Life in the Hebrew Bible

Manu Marcus Hubner*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil
marcushubner@gmail.com

Suzana Chwartz**

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil
schwartz@usp.br

Resumo: O tempo de vida do homem bíblico é, idealmente, um conjunto de três ciclos completos de quarenta anos cada, totalizando cento e vinte anos. O cento e vinte é um número idealmente paradigmático, matematicamente versátil e com um grande conteúdo simbólico – convencionalmente perfeito. Assim, a vida transitória fixada na expectativa de cento e vinte anos do homem carnal e mortal encontra seu significado por intermédio da promessa de vida longa e produtiva, que cumpre o seu propósito divinamente determinado e tem como ápice a saciedade.

Palavras-chave: Judaísmo. Bíblia Hebraica. Tempo.

Abstract: The biblical man's life span is ideally a set of three complete cycles of forty years each, totaling one hundred and twenty years. The one hundred and twenty is an ideal paradigmatic number, mathematically versatile and with a great symbolic content – conventionally perfect. Thus the transitory life fixed upon the one hundred and twenty-year expectation of the carnal and mortal man finds its meaning through the promise of long and productive life, which fulfills its divinely determined purpose and has as its summit satiety.

Keywords: Judaism. Hebrew Bible. Time.

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.

** Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.



“Ensinano-nos a contar os nossos dias para que o nosso coração alcance a sabedoria”: essa é a injunção do central do salmo 90.¹ Contar os dias, nesse salmo, equivale a reconhecer a bênção da vida e o propósito de cada um de seus tempos.

Na Bíblia Hebraica,² a vida não precisa ser eterna para ser significativa; o tempo bíblico é cíclico, teocêntrico e não antropocêntrico e linear, como no pensamento ocidental.

Na tradição grega, no momento em que nascemos, começamos a nos aproximar da nossa morte. Na Bíblia Hebraica, o tempo progride em ciclos e o homem não caminha linearmente em direção à sua morte; ao contrário, caminha em direção à completude de sua vida e à realização de cada uma de suas etapas.

Há um propósito para cada etapa, como ensina o Eclesiastes:

tempo de plantar e tempo de arrancar o que foi plantado;
tempo de procurar e tempo de desistir;
tempo de rasgar e tempo de coser;
tempo de lançar pedras e tempo de recolhê-las;
tempo de permanecer calado e tempo de falar;
tempo de lutar e tempo de paz.³

O horizonte da vida, no pensamento bíblico, é, assim, a própria vida. No entanto, os dias da vida do homem na Terra são contados: 120. Números como esses são, sobretudo, convenções numéricas – princípios de ordenação do cosmos – cujo significado está muito além do seu valor aritmético.⁴ São, portanto, números perfeitos e paradigmáticos, com acentuado valor moral.

O número 120 se destaca por suas qualidades matemáticas e simbólicas. Este ocorre onze vezes na Bíblia Hebraica como parâmetro para a organização humana, unidades

¹ Sl 90:12: “למְנוֹת יָמֵינוּ כִּן הַדָּע” (tradução dos autores). Os textos bíblicos foram traduzidos pelos autores a partir do original em hebraico, a não ser quando indicado de outra forma; nesses casos, a Bíblia empregada para cotejo do Pentateuco, no presente ensaio, é a *Torá: A Lei de Moisés*, 2001. Para citações dos demais livros da Bíblia Hebraica, será empregada *A Bíblia Sagrada*, atualizada do *Bible Works*.

² A Bíblia Hebraica, ou *Tanach*, é composta pelos 24 livros do Pentateuco, Profetas e Escritos. A *Torá* é o conjunto de livros que forma o Pentateuco.

³ Ec 3:2-8 (tradução dos autores).

⁴ Exemplos de cálculos aritméticos na Bíblia Hebraica, Ver: HUBNER, 2017, p. 254-255.



completas de tempo e espaço, medidas arquitetônicas e contagem de pessoas⁵, e mais sete vezes, como 120.000.⁶

Especialmente versátil, por suas extraordinárias qualidades matemáticas, o número 120 constitui uma das mais relevantes convenções numéricas da Bíblia Hebraica. Uma dessas qualidades é a vasta gama de divisores que o número apresenta: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 12, 15, 20, 24, 30, 40, 60 e 120. (Philo chama o número 120 de “múltipla prerrogativa de honra”, devido ao fato de que este número pode ser dividido em tantas partes inteiras).⁷ Com tantos divisores, pode-se obter a metade, o terço, a quarta, a quinta, a sexta, a oitava, a décima parte de um valor. Assim, os cálculos de tempo baseados em horas de 60 minutos (120/2) e minutos de 60 segundos (120/2), além do ano de doze meses (120/10) e o dia de dois ciclos de doze horas cada (120/5) são imensamente facilitados para o homem bíblico. Além disso, a soma de todos os seus divisores resulta em 360, que é três vezes ele mesmo, ou seja, o número 120 pode ser chamado de número “triperfeito”.⁸ O círculo perfeito possui 360 graus (3x120), e os arcos e ângulos são frações desta medida. O número 120 também corresponde ao fatorial de 5 ($5! = 5 \times 4 \times 3 \times 2 \times 1 = 120$).⁹ 120 é, ainda, a soma dos valores dos 15 primeiros algarismos do sistema numérico.¹⁰

Além de suas qualidades matemáticas, 120 é dotado de qualidades simbólicas singulares: representa integridade e totalidade e denota um ciclo completo. No entanto, a ocorrência desse número na Bíblia introduz uma polêmica: em Gn 6:3, Deus afirma: “[...] o meu

⁵ Cento e vinte como medida de tempo: Gn 6:3; Dt 31:2, 34:7; espaço: 2 Cr 3:4, Dn 6:1; medidas de altura ou largura: Nm 7:86, 1 Rs 9:14, 1 Rs 10:10, 2 Cr 9:9; contagens de pessoas: 1 Cr 15:5; 2 Cr 5:12.

⁶ Cento e vinte mil como contagens de animais: 1 Rs 8:63; 2 Cr 7:5; contagens de pessoas: Jn 4:11; Jz 8:10; 1 Cr 12:37, 15:5; 2 Cr 28:6.

⁷ Philo (1894, *Questions and Answers on Genesis I*, p. 28778-28805).

⁸ Segundo o conceito de Pitágoras, um número perfeito é aquele cuja soma dos divisores resulta nele mesmo. Como exemplo, o número 6 pode ser dividido em 1, 2 ou 3 partes, e a soma destes algarismos é o próprio 6, ou seja, $1+2+3 = 6$. Número superperfeito ou superabundante é aquele número no qual a soma de suas partes ultrapassa o número. Como exemplo, o número 12 é divisível por 1, 2, 3, 4 e 6. A soma destes algarismos é 16, maior do que 12 ($1+2+3+4+6 = 16 > 12$) (WESTCOTT, 1911, p. 18).

⁹ O cálculo fatorial é matematicamente importante em análise combinatória – arranjo de objetos em sequências, e na teoria das probabilidades.

¹⁰ Philo (1894, *Questions and Answers on Genesis I*, p. 28778-28805).



espírito não residirá no homem, posto que este também é carnal; e serão os seus dias 120 anos”.¹¹

É comum se pensar que Deus reduziu¹² a duração da vida do homem para 120 anos,¹³ uma vez que Adão teria vivido 930 anos e Noé 950.¹⁴ Essa decisão divina, constante em apenas um versículo, constitui, do ponto de vista da análise literária, uma interpolação em uma narrativa mitológica e problemática para a didática bíblica, essencialmente racionalista. Trata-se de uma narrativa sucinta, extremamente econômica em detalhes, sobre seres celestiais pré-diluvianos que tomaram para si mulheres humanas, gerando uma descendência de heróis, homens de renome.

¹¹ “לֹא־יִדְוֹן רוּחִי בָאָדָם לְעֹלָם בְּשֶׁנֶם הוּא בְּשָׁר וְהָיוּ יָמָיו מֵאָה וְעֶשְׂרִים שָׁנָה” (Gn 6:3, tradução dos autores).

¹² A ideia de restrição é comum na Bíblia, como também em muitas culturas antigas. Na Bíblia Hebraica, temos diversos exemplos: cinquenta anos de idade é limite máximo para um sacerdote exercer sua função (Nm 4:3, 23, 30, 35, 39, 43, 47), a expectativa de vida de um rei deve ser de 70 anos (Is 23:15), o homem deve aspirar viver entre 70 e 80 anos (Sl 90:10). Segundo os pergaminhos do Mar Morto, os encarregados militares só podem exercer suas funções até os 60 anos de idade, enquanto os cavaleiros e oficiais do exército não podem ultrapassar os 50 anos de idade (Qumran War Scroll – 1QM). Há outros tipos de restrições na Bíblia Hebraica, além das restrições que dizem respeito às idades e tempo de vida. Temos, como exemplos, restrições dietéticas (Lv 11:42), sexuais (Ex 20:14), de vestuário (Dt 22:11), de comportamento (Ex 20:13), de fala (Lv 19:11) e de aparência (Lv 19:27).

¹³ A restrição bíblica de 120 anos da vida humana encontra paralelo em um texto cuneiforme de Emar, cidade mesopotâmica localizada atualmente na Síria, que limita a longevidade humana ao mesmo valor convencionado pela Bíblia Hebraica: “*One hundred twenty years (are) the years of mankind – verily it’s their bane*” (épico sumério sobre “Enlil e Namzitarra”, citado por KLEIN, 1990, p. 59; ENG, 2011, p. 42). O papiro egípcio Insiger, do primeiro século E.C., por sua vez, limita a vida humana em cem anos: “*He who has passed sixty years, everything has passed for him. (17:11) He (man) spends ten (years) as a child before he understands death and life. (17:22) He spends another ten (years) acquiring the work of instruction by which he will be able to live. (17:23) He spends another ten years gaining and earning possessions by which to live. (18:1) He spends another ten years up to old age before his heart takes counsel. (18:2) There remain sixty years of the whole life which Thoth has assigned to the man of god. (18:3)*” citado por: LICHTHEIM, 1980, p. 198-199).

¹⁴ “Todos os dias que Adão viveu foram novecentos e trinta anos; e morreu” (Gn 5:5); “E foram todos os dias de Noé novecentos e cinquenta anos; e morreu” (Gn 9:29).



E foi quando começou o homem a multiplicar-se sobre as faces da terra, e nasceram-lhe filhas.

E viram filhos dos deuses as filhas do homem, porque eram boas/belas e tomaram para si mulheres dentre todas que escolheram.

E disse H¹⁵: 'Não residirá o meu espírito no homem para sempre, posto que ele também é carnal; e serão os seus dias cento e vinte anos'.

Os Caídos estavam na terra naqueles dias, e também depois, quando entraram os filhos dos deuses às filhas do homem, e lhes pariram; estes foram os heróis que, desde sempre, foram homens de renome. (Gn 6:1-5).¹⁶

O relacionamento entre os *bnei – ha'elohim* (filhos dos deuses) e *bnot-ha'adam* (filhas do homem) configura-se como ruptura de um importante princípio de ordenação cosmológica: a separação entre céus e terra, domínios que não devem se misturar,¹⁷ da mesma forma como seres celestiais e humanos. Esse relacionamento impróprio e indesejável constitui uma incursão agressiva em fronteiras cuidadosamente traçadas e preservadas e obscurece a distinção essencial entre as esferas divina e humana. A consequência é dura: Deus “julga”¹⁸ a humanidade e promulga uma sentença que restringe a longevidade humana com base em uma convenção contratual.¹⁹

A restrição da vida humana a 120 anos é também justificada, nessa passagem, com a afirmação de “posto que o homem também é carnal” (Gn 6:3), um indicativo inequívoco de sua natureza terrena e terrestre e que implica dependência, fraqueza e transitoriedade, além de suscetibilidade ao pecado.²⁰ “Ser carne” significa, na acepção bíblica, ser mortal, falível, frágil e inferior,²¹ em contraste com o divino, poderoso e eterno. Tudo que é carne,

¹⁵ Abreviação para o tetragrama.

¹⁶ Tradução dos autores

¹⁷ “Os céus são os céus do Senhor, mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens” (Sl 115:16).

¹⁸ O verbo *yā·dō·wn*, traduzido aqui como “residirá”, a exemplo da LXX, Vulgata, Saadia e Ramban, pode também ser entendido como “julgará” em DAVIES (*Hebrew English Biblical Dictionary*, 1968, p. 252) e SARNA (*The JPS Torah Commentary: Genesis*, 1989, p. 46), confirmando o caráter jurídico da declaração divina.

¹⁹ Existem outros dois episódios na Bíblia Hebraica em que as fronteiras entre os domínios celeste e terreno são ultrapassadas, sempre com consequências severas para a humanidade: o primeiro destes é a transgressão de Adão e Eva (cujas consequências estão listadas em Gn 3:16-24), e o segundo, o episódio da Torre de Babel (cujas consequências estão listadas em Gn 11:7-8).

²⁰ BOTTERWECK; RINGGREN, 1997, p. 328.

²¹ GUNKEL, 1997, p. 58; SARNA, 1989, p. 46.



coerentemente, tem seu tempo contado. Logo após o episódio do dilúvio (Gn 6-8), Deus permite a Noé e a seus descendentes o consumo de carne: “tudo o que se move e vive servos-á para alimento”.²² O alimento natural do homem, primariamente vegetal, que cresce, se regenera e precisa apenas ser colhido, passa a ser a carne, que impõe a ação de caçar e matar. Ironicamente, o homem leva uma criatura à morte a fim de viver e evitar sua própria morte.²³

Ao homem se aplica a mesma restrição imposta aos outros seres feitos de carne – todos possuem vidas limitadas. Mas, o que significariam “anos” no pensamento divino? “[...] mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite” (Sl 90:4). Qualquer número de anos atribuído à vida do homem, portanto, denotaria apenas transitoriedade: 120 ou 120.000.

Ao atribuir ao homem 120 anos, Deus também define a vida humana como um ciclo completo e perfeito – uma encadeação ideal para que a consciência que o humano tem da vida e de Deus resida em seu corpo de pó, sendo que a própria terra – origem e destino do homem – também pertence a Deus.²⁴

O primeiro personagem bíblico a viver 120 anos foi Moisés: “[...] e não se lhe escureceram os olhos nem se lhe abateu o vigor” (Dt 34:7). Por designar a longevidade de Moisés, 120 representa a “integridade física máxima que um ser humano pode atingir”.²⁵ A partir daí, viver até os 120 anos tornou-se uma bênção no judaísmo, até hoje.

No entanto, o que é mais relevante nos 120 anos da vida de Moisés é que ele viveu três ciclos completos de 40 anos: o primeiro no Egito, até o momento em que Moisés matou um algoz e fugiu do país; o segundo em Midiã, quando casou-se, teve filhos e apascentou os rebanhos de seu sogro; aos 80 anos, ouviu o chamado de Deus e regressou para liderar os israelitas por 40 anos no deserto, e aos 120, ele os conduziu à Terra Prometida, que vislumbrou à distância. 120 seria, então, uma perspectiva.

²² Essa passagem é corroborada por Dt 12:15: “consoante todo desejo da tua alma, poderás matar e comer carne nas tuas cidades”.

²³ NIDITCH, 1985, p. 28.

²⁴ Lv 25:23: “a terra não será vendida em perpetuidade, posto que a terra me pertence e vós sois para mim estrangeiros e residentes”; aqui a expressão *ger we toshav*, empregada por Abraão para se apresentar aos filhos de Het (Gn 23:4), é retomada em relação à humanidade.

²⁵ BAR-ILAN, 2003, p. 41.



Apenas os indivíduos mais virtuosos, como Moisés, o maior dos profetas,²⁶ atingiriam essa idade convencionalmente ideal, o que evidencia o caráter paradigmático-moral da convenção numérica.

Uma vida longa e produtiva é, sem dúvida, uma das mais importantes bênçãos divinas e seu sentido maior é ver crescer os filhos e os filhos dos filhos,²⁷ permitindo que a vida deles seja parte da nossa, enquanto nossa vida é parte da deles:

[...] não pensava em ver-te novamente, e eis que vejo teus filhos!, diz Jacó a José no Egito, sentindo-se abençoado. (Gn 48:11).

[...] José habitou no Egito, ele e a casa de seu pai; e viveu cento e dez anos. Viu os filhos de Efraim até à terceira geração e também os filhos de Maquir, filho de Manassés, os quais José tomou sobre seus joelhos. (Gn 50:22-23)

Que o Senhor te abençoe desde Sião, para que vejas a prosperidade de Jerusalém durante os dias de tua vida, vejas os filhos de teus filhos. Paz sobre Israel! (Sl 128:5-6)

Coroa dos velhos são os filhos dos filhos... (Pr 17:6)

Então, as mulheres disseram a Noemi: Seja o SENHOR bendito, que não deixou, hoje, de te dar um neto que será teu resgatador, e seja afamado em Israel o nome deste. (Ru 4:14)

Depois disto, viveu Jó cento e quarenta anos; e viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos, até à quarta geração. (Jo 42:16)

²⁶ “E não se levantou mais em Israel profeta algum como Moisés, a quem o Eterno aparecera cara a cara [...]” (Dt 34:10).

²⁷ Em muitas culturas, conhecer a terceira geração constitui um mérito. Segundo a crença dos hindus, por exemplo, o alcance de três gerações repercute além desta vida: através de um filho conquista-se o mundo, mas por intermédio do filho de um filho obtém-se a imortalidade: “*Through a son he conquers the worlds, through a son’s son he obtains immortality, but through his son’s grandson he gains the world of the sun (Lei 137). Between a son’s son and the son of a daughter there exists in this world no difference; for even the son of a daughter saves him (who has no sons) in the next world, like the son’s son (Lei 139)*”. As Leis de Manu, ou *Manu-smriti* em sânscrito, é uma obra oficialmente conhecida como *Manava-dharma-shastra*, atribuída à Manu, o legendário progenitor da humanidade ou o primeiro homem, o Adão dos hindus. Sua forma atual data do primeiro século A.E.C., segundo a *Encyclopaedia Britannica*.



Por outro lado, Deus pune a iniquidade dos pais até a terceira e a quarta gerações.²⁸ Assim:

Eu sou o Eterno, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, sobre terceiras e sobre quartas gerações, aos que Me aborrecem, e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam e aos que guardam Meus mandamentos. (Ex 20:3-6; Dt 5:7-10).²⁹

Outra incidência importante de 120 com o sentido de um ciclo completo é o tempo de permanência de Moisés no cume do Monte Sinai: 120 dias, divididos em três períodos de 40 dias cada.³⁰

Da mesma forma, o número 120 corresponde a um percurso que compreende três gerações convencionais, de 40 anos cada.³¹ Esta ideia se concretiza quando Deus celebra

²⁸ Além do Decálogo, o mesmo conteúdo encontra-se em Ex 34:7b: “[...] visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, sobre terceiras e quartas gerações”.

²⁹ As duas versões do segundo mandamento do Decálogo possuem uma sutil diferença: na versão do livro do Êxodo, a última palavra é: “מִצְוֹתַי” (Ex 20:6, “meus mandamentos”), enquanto na versão do livro do Deuteronômio, a mesma última palavra está escrita de forma diferente: “מִצְוֹתָיו” (Dt 5:10, “seus mandamentos”). Segundo o comentário do Rabino Shlomo Y. Menortzi (Mantova, Itália, séc. XVI, segundo a *Encyclopedia Yehudit*, na segunda versão está escrito “seus mandamentos” porque o mandamento é um sinal divino relevante, e o homem deve se perguntar se vai ou não cumpri-lo (*Minchat Shai* Dt 5:10, hebraico, em: *Mikraot Meorot Guedolot*, 1995, p. 119. Em *Torá: A Lei de Moisés*, há uma única diferença na tradução da última palavra dos dois trechos: na versão do livro do Êxodo lê-se “meus mandamentos” (Ex 20:6), enquanto na versão do livro do Deuteronômio lê-se “meus preceitos” (Dt 5:10).

³⁰ Primeiro período: subida em 7 de Sivan (Ex 24:12-18), quando Moisés foi buscar os ensinamentos da Torá, e descida em 17 de Tamuz (Ex 32:15), dia do pecado do bezerro de ouro; segundo período: subida em 18 de Tamuz e descida em 29 de Av (Ex 32:30-31), quando Moisés reza pelo perdão aos israelitas; terceiro período: subida em 30 de Av (Ex 34:4), quando Moisés esculpe as novas “tábuas da lei”, e descida em 10 de Tishrê (Ex 34:29), quando os israelitas são finalmente perdoados, e este dia se torna o “dia do perdão” no calendário judaico. (*Midrash Tanchuma* 21:1), KANTOR, 2007, p. 77).

³¹ Quarenta anos representa o período de uma geração: “[...] e os fez andar errantes pelo deserto quarenta anos, até se acabar toda a geração [...]” (Nm 32:13). Heródoto discorda do cálculo bíblico de três gerações convencionais de 40 anos que somam 120 anos. Para Heródoto, três gerações correspondem a um período de cem anos: “A hundred years is three generations of man” (*The Histories: Complete*, 2012, p. 1074). Mas, para Josephus, o cálculo é outro, porém mais próximo do cálculo bíblico: “Four generations make almost



uma aliança com o povo de Israel: “[...] observes os estatutos e mandamentos que hoje te ordeno – tu, teu filho e teu neto – todos os dias da tua vida, para que os teus dias se prolonguem” (Dt 6: 2).

Pactos e juramentos formais na Bíblia hebraica também elencam três gerações: Abraão e o rei dos filisteus Abimelech celebram um pacto e três gerações são evocadas para conferir fidelidade e perenidade ao juramento: “E agora jura-me, por Deus aqui, que não agirás falsamente comigo, nem com meu filho, nem com meu neto!” (Gn 21:27).

A subdivisão em três partes ou grupos iguais de quarenta elementos constitui uma equação significativa: três gerações de quarenta anos cada representam, portanto, a perenidade de uma das relações mais antigas e importantes do mundo antigo: o contrato. A Torá pode ser compreendida como um contrato entre Deus e o povo de Israel, como os contratos entre suseranos e vassalos da Antiguidade, sancionados por bênçãos e maldições:

Estes são os mandamentos, os estatutos e os juízos que ordenou o Eterno, vosso Deus, que vos ensinasse, para cumprirdes na terra à qual passais para herdá-la, a fim de que temas o Eterno, teu Deus, que guardes todos os Seus estatutos e os Seus preceitos que eu te ordeno – tu, teu filho e o filho de teu filho [...]. (Dt 6:1-3)

O ciclo de três gerações figura em diversos contratos extra-bíblicos:

1 Tratado de Assarhaddon, rei assírio, com um príncipe vassalo, c. 672 A.E.C.:

Tratado de Assarhaddon, rei do mundo, rei da Assíria, filho de Senaqueribe, igualmente rei do mundo, rei da Assíria, com Humbareh, chefe do território de Nahshimarti, com seus filhos, seus netos, com todos os nashimat-tianos, os homens que são dele, jovens e velhos, tão numerosos que são, desde o levantar ao cair do sol, todos aqueles sobre os quais Assarhaddon, rei da Assíria, exerce realeza e senhorio, contigo, teus filhos e netos que hão de nascer nos dias que se seguirão a este tratado.³²

2 Tratado entre Mursilis, rei hitita, e Duppi-Tessub, rei de Amurru, c. 1315 A.E.C.:

Quando Eu, o Sol, te procurei de acordo com a palavra de seu pai e o coloquei no lugar de seu pai, eu o fiz em juramento pelo rei da terra de Hatti, a terra de Hatti, e por meus filhos e netos. Portanto, honre o juramento (de lealdade) ao rei e ao rei do rei. E eu, o rei, serei leal a você, Duppi-Tessub. Quando você toma uma esposa, e quando você gera um

one hundred and seventy years” (*Against Apion*, 2008, p. 673). Portanto, três gerações teriam, em média, 127,5 anos.

³² Tratado de Assarhaddon citado por BRIEND, 1998, p. 78-79.



herdeiro, ele deverá ser rei na terra de Amurru também. E assim como eu deverei ser fiel a você, assim deverei ser fiel a seu filho também. Mas você, Duppi-Tessub, permanece leal ao rei da terra de Hatti, a terra de Hatti, meus filhos (e) meus netos para sempre! [...] As palavras do tratado e o juramento que estão inscritas nesta tábua – se Duppi-Tessub não honrar essas palavras do tratado e do juramento, que esses deuses do juramento destruam Duppi-Tessub junto com sua pessoa, sua esposa, seu filho, seu neto, sua casa, sua terra e junto com tudo o que ele possui. Mas se Duppi-Tessub honra essas palavras do tratado e do juramento que estão inscritas nesta tábua, que esses deuses do juramento o protejam junto com sua pessoa, sua esposa, seu filho, seu neto, sua casa (e) seu país.³³

3 Tratado entre os reis de Katikka³⁴ e de Arpad, originário de Sfire (Síria), c. 750 A.E.C.:

Um tratado de Barga'yah, rei de Ktk, com Mattiel, filho de Attarsamak, rei de Arpad; um tratado dos filhos de Barga'yah com os filhos de Mattiel; um tratado dos filhos dos filhos [e dos descendentes] de Barga'yah com os filhos de Mattiel, filho de Attarsamak, rei de Arpad; [...] [Mas se eles observarem esse tratado [...], os deuses do tratado nesta inscrição [guardarão] Matti'el, seu filho, filho de seu filho [...].³⁵

5 Esboço de tratado neo-assírio, escrito como um exercício para o escriba, no qual percebe-se que a estrutura de três gerações é uma fórmula-padrão:

Você jura por este tratado com Sin-sharra-ishkun, rei da Assíria, seu senhor, (com) seus filhos (e) netos, que não cometerá nenhum crime (contra eles). (Se o fizer), que Nergal, o senhor misericordioso, derrame seu sangue nas valas (e) barrancos.³⁶

Todas essas evidências literárias e jurídicas atestam o vínculo entre o número 120, enquanto limite da vida humana, e sua divisão em três períodos ou gerações de 40 anos, o que nos leva a analisar os números três e quarenta.

³³ FRIEDRICH, 1926, p. 1-48; WEIDNER, 1923, p. 76-79.

³⁴ Ktk, identificada com Urartu, Hattarika-Hadrach, Dossin ou Kissik, segundo PRITCHARD, 2011, p. 305.

³⁵ Citado por PRITCHARD, 2011, p. 305-309.

³⁶ Tablet A2409, citado por GRAYSON, 1987, p. 154.



O número três representa plenitude,³⁷ ordem,³⁸ estabilidade e equilíbrio,³⁹ harmonia,⁴⁰ bondade,⁴¹ santidade e perfeição.⁴²

O número quarenta, por sua vez, representa o período de uma geração⁴³ ou a realização de um ciclo,⁴⁴ transição e renovação,⁴⁵ como também purificação,⁴⁶ compreensão⁴⁷ e amadurecimento.⁴⁸

Unindo os significados dos números 3 e 40, podemos considerar o período de 120 anos como um processo de transição, renovação, purificação ou amadurecimento, feito de forma estável, equilibrada, harmônica e plena – uma mudança segura, dividida em três partes sequenciais. Os períodos de cento e vinte anos descritos na Bíblia Hebraica são, de fato, períodos de deslocamento e transição, por um lado, e estabilidade e amadurecimento, por outro:

Noé levou 120 anos para construir a arca⁴⁹, um período marcado pela corrupção e violência⁵⁰ da humanidade e culmina com sua destruição, juntamente com a terra.⁵¹ Completados 120 anos, tem início uma nova era de estabilidade,⁵² equilíbrio e harmonia

³⁷ Início, meio e fim, segundo PHILO, 1894, p. 28778-28805.

³⁸ CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993, p. 899.

³⁹ GINSBURGH, 1990, p. 53.

⁴⁰ MUNK, 1983, p. 74.

⁴¹ GLAZERSON, 1991, p. 31.

⁴² KÖNIG, 1995, p. 407.

⁴³ “[...] e os fez andar errantes pelo deserto quarenta anos, até se acabar toda a geração [...]” (Nm 32:13).

⁴⁴ CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993, p. 757.

⁴⁵ GINSBURG, 1992, p. 196, 202-203.

⁴⁶ Talmud (Taharot – Mikvaot 2:1).

⁴⁷ Talmud (Avot 5:1).

⁴⁸ MUNK, 1995, p. 148.

⁴⁹ WEISSMAN, 1980, p. 91; KANTOR, 2005, p. 52-53.

⁵⁰ “E o Eterno viu que era grande a maldade do homem na terra, e que todo impulso dos pensamentos do seu coração era exclusivamente mau todo dia” (Gn 6:5).

⁵¹ “E morreu toda criatura que se arrasta sobre a terra, da ave, e do quadrúpede, e do animal, e de todo réptil que se arrasta sobre a terra, e toda gente” (Gn 7:21).

⁵² “Ainda em todos os dias da terra, sementeira e ceifa, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite, não cessarão” (Gn 8:22); “[...] e não haverá mais dilúvio para destruir a terra” (Gn 9:11b).



potenciais. Os 120 anos da vida de vida de Moisés⁵³ inicia-se em uma época de opressão, desespero e sofrimento⁵⁴ para os israelitas, escravos no Egito, e culmina com o nascimento de um povo livre, íntegro,⁵⁵ conhecedor de Deus⁵⁶ e com o vislumbre de soberania na terra prometida aos patriarcas.⁵⁷ Os cento e vinte dias em que Moisés esteve sobre o Monte Sinai⁵⁸ causaram uma mudança profunda e eterna na memória dos israelitas: antes, um povo de escravos confusos e sem fé;⁵⁹ depois, um povo temente a Deus, movidos por um objetivo comum.⁶⁰

⁵³ Dt 31:2, 34:7.

⁵⁴ “E amarguraram suas vidas com serviço penoso...” (Ex 1:14a); “E ordenou o Faraó a todo seu povo, dizendo: Todo filho que nascer, lança-lo-eis no Nilo...” (Ex 1:22); “E foi naqueles dias e cresceu Moisés, foi ter com seus irmãos e viu suas pesadas tarefas...” (Ex 2:11); “E foi naqueles dias e morreu o rei do Egito; e suspiraram os filhos de Israel pelo trabalho e gemeram, e subiram os seus clamores a Deus pelo trabalho” (Ex 2:23); “E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel veio a Mim, e também vi a opressão com que os egípcios os oprimem” (Ex 3:9).

⁵⁵ “Tudo o que falou o Eterno, faremos [...]” (Ex 19:8); “E foi Moisés e contou ao povo todas as palavras do Eterno, e todas as leis; e respondeu todo o povo a uma voz e disse: Todas as palavras que falou o Eterno, faremos” (Ex 24:3); “Tudo o que falou o Eterno, faremos e ouviremos” (Ex 24:7).

⁵⁶ “Proporcionou-lhe as necessidades, na terra do deserto, e no ermo solitário cheio de uivos, cercou-o, instruiu-o, guardou-o como a menina dos seus Seus olhos” (Dt 32:10, grifo nosso). Em Neemias, há a afirmação de que os Filhos de Israel, durante sua estadia no deserto, foram instruídos por Moisés: “Fizeste-os conhecer o teu santo *Shabbāth*, sábado, e lhes deste mandamentos, orientações, decretos e leis por intermédio de Moisés, teu servo” (Ne 9:14). Em Mará há uma afirmação a respeito de ensinamentos transmitidos aos Filhos de Israel: “Ali deu-lhe (Deus ao povo) estatutos e leis, e ali o provou” (Ex 15:25b), assim como o *Talmud*, segundo o qual foram recebidas 10 leis em Mará (Sanhedrin 56b, 36:2). Além disso, os dez mandamentos foram outorgados no Monte Sinai (Ex 19, 20).

⁵⁷ “Escuta, ó Israel! Tu passas hoje o Jordão para vir e herdar nações maiores e mais fortes do que tu, cidades grandes e muradas até os céus” (Dt 9:1).

⁵⁸ KANTOR, 2007, p. 7.

⁵⁹ “E disseram a Moisés: Foi porque não havia sepulcros no Egito que nos tomaste para morrer no deserto? [...] Pois melhor é para nós servir aos egípcios que morrer no deserto!” (Ex 14:11, 12); “E queixou-se o povo contra Moisés [...]” (Ex 15:24); “E queixou-se toda a congregação dos filhos de Israel contra Moisés e contra Aarão, no deserto” (Ex 16:2); “E não escutaram a Moisés [...]” (Ex 16:20).

⁶⁰ “Atende e ouve, ó Israel! Hoje vieste a ser o povo do Eterno, teu Deus” (Dt 27:9).



Na Bíblia, a ideia de “cumprir os dias da vida” está entrelaçada ao conceito de saciedade: Abraão, ao morrer, avançado em dias, foi-se em boa saciedade (Gn 25:8), ou seja, morreu saciado de vida. Na Bíblia Hebraica, a saciedade é uma grande bênção: “comereis o vosso pão a fartar e vivereis seguros na vossa terra. (Lv 26:5)” e “comerás e te saciarás e louvarás o Senhor, teu Deus, pela boa terra que te deu”. (Dt 8:10)

Em contrapartida, não alcançar a saciedade está elencado no conjunto das maldições que recairão sobre aqueles que caminharem contrariamente a Deus e violarem a sua aliança: “dez mulheres cozerão o vosso pão num só forno e vo-lo entregarão por peso; comereis, porém não vos fartareis” (Lv 26:26). Saciedade é a paz da alma, a satisfação e anulação dos desejos que a movem.

Animado pelo sopro divino que lhe confere vida (*nishmat chaim*), o humano não possui alma: todo ele é alma vivente (*nefesh chaia*).⁶¹ Ambos os termos hebraicos *neshamah* e *nefesh* partilham a ideia básica de respiração, vida e desejo, assim como seus cognatos no acádio, ugarítico e árabe. Em acádio, *napashtum* significa garganta e vida; o ugarítico *nps* designa respiração, apetite, desejo; em árabe, *nafsun* é respiração e apetite, e vida, de um modo geral.⁶²

Esse ser-alma, que somos, uma vez livre de todo desejo e vontade, que é sua força motriz, repousa. Por essa razão, talvez, a morte seja laconicamente descrita na Bíblia como repousar junto aos ancestrais. “E tu irás para os teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice” – diz Deus a Abraão (Gn 15:15).

No Salmo 91, Deus enuncia o entrelaçamento visceral entre as ideias de salvação, saciedade e vida longa:

Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei;
pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome;
ele me invocará e eu lhe responderei;
na estreiteza de sua angústia,
eu estarei com ele, livrá-lo-ei e o glorificarei;
saciá-lo-ei com longa vida e lhe mostrarei minha salvação. (Salmo 91: 14 - 15)

Poderíamos ler “[...] saciá-lo-ei com 120 anos e lhe mostrarei minha salvação”. Não se pode desejar mais do que a saciedade nem esperar mais do que a salvação: 120 é, portanto, uma promessa.

⁶¹ “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.” (Gn 2:7)

⁶² WOLFF, 1996, p. 14.



Referências

- BAR-ILAN, Meir. *Biblical Numerology*. Rehovot: Association for Jewish Astrology and Numerology, 2005.
- BEN YEHUDA, Eliezer. *A Complete Dictionary of Ancient and Modern Hebrew*. Tel Aviv: La'am Publishing House, [s.d.].
- MIKRAOT *Gedolot Meorot*. Jerusalém: Bruchman, 1995.
- A BÍBLIA Sagrada. Trad. João Ferreira D'Almeida. Rio de Janeiro: Sociedades Bíblicas Unidas, 1950.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.
- TORÁ: *A Lei de Moisés*. Trad. Meir Matzliah Melamed. São Paulo, Sefer, 2001.
- BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer [Ed.]. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids (MI): William B. Eerdmans Publishing Company, 1997.
- BRIEND, Jacques *et alii*. *A criação e o dilúvio segundo os textos do Oriente Médio Antigo*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. *The New Brown-Driver-Briggs-Gesenius Hebrew and English Lexicon*. Peabody (MA): Hendrickson Publishers, 1979.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- CHWARTS, Suzana. *Via Maris: textos e contexto da Bíblia Hebraica*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2014.
- CLARK, Matityahu. *Etymological Dictionary of Biblical Hebrew*. New York: Feldheim Publishers, 1999.
- CLINES, David J. A. [Ed.]. *The Dictionary of Classical Hebrew*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.
- DAVIES, Benjamin [Ed.]. *Hebrew English Biblical Dictionary*. New York: D.O.T., 1968.
- EVEN-SHOSHAN, Avraham. *Milon Even-Shoshan*. Hamilon Hechadash, 2003.
- ENG, Milton. *The Days of Our Years: A Lexical Semantic Study of the Life Cycle in Biblical Israel*. New York: T&T Clark International, 2011. Disponível em: <<http://www.books.google.com.br/books?isbn=0567025039>>. Acesso em: 25 jun. 2013.
- FREEDMAN, David Noel. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.



FRIEDRICH, J. *Staatsvertrag des Hatti-Reiches in hethitischer Sprache* (MVAG, XXXI, 1926), 1-48; E. F. Weidner, *Politische Dokumente aus Kleinasien* (Boghazkoi Studien, VII 1923), 76-79. Disponível em: <<http://ccat.sas.upenn.edu/~humm/Topics/Contracts/treat01.html>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

GINSBURGH, Y. *The Hebrew Letters: Channels of Creative Consciousness*. Jerusalem: Gal Einai, 1992.

GLAZERSON, M. *Letters of Fire*. Jerusalem: Feldheim Publishers, 1991.

GRAYSON, Albert Kirk. Akkadian Treaties of the Seventh Century B.C. *Journal of Cuneiform Studies*, The American Schools of Oriental Research, v. 39, n. 2, p. 127-160, Aut. 1987. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1359778>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

GUNKEL, Herman. *Genesis*. Macon (Georgia): Mercer University Press, 1997.

HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. [Org.]. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo; Luiz Alberto T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HASTINGS, James. *Dictionary of the Bible*. New York: Charles Scribner's Sons, 1909.

HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HORST, Pieter W. V. D. His Days Shall Be One Hundred and Twenty Years. *Jews and Christians in Their Graeco-Roman Context*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2006. p. 66-70. Disponível em: <<http://www.muebooks.com/download.php?id=1186954>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

HUBNER, M. M. *Os 120 anos da vida do homem: uma análise contextual*. São Paulo: Humanitas, 2017.

JASTROW, Marcus (Ed.). *A Dictionary of the Targumim, The Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*. New York: The Judaica Press, 1996.

JOSEPHUS, Flávio. *Against Apion*. Trad. William Whiston. Mobile Reference, 2008, Kindle Edition.

JOSEPHUS, Flávio. *Josephus Flavius Complete Works*. Trad. William Whiston. Annotated Classics, [s.d.].

KANTOR, Manis. *Codex Judaica: Chronological Index of Jewish History*. New York: Zichron Press, 2005.

KIRSCHBAUM, Saul et alii. *Transliteração do Hebraico para Leitores Brasileiros*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.



KLEIN, Jacob. *The 'Bane' of Humanity: a Lifespan of One Hundred Twenty Years*. *Acta Sumerologica*, n. 12, p. 57-70, 1990. Disponível em: <http://aleph.nli.org.il:80/F/?func=direct&doc_number=000032186&local_base=RMB01>. Acesso em: 14 jan. 2013.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter [Ed.]. *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*. Leiden: E. J. Brill, 1985.

KÖNIG, Franz. *Léxico das religiões*. Editado por Hans Waldenfels. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 407-408.

MAZAR, Biniamin [Ed.]. *Enciclopedia Mikrait* (Hebraico). Jerusalem: Bialik Institute, 1982.

MUNK, R. M. *The Wisdom in the Hebrew Alphabet*. New York: Mesorah, 1983.

NIDITCH, S. *Chaos to Cosmos: Studies in Biblical Patterns of Creation*. Chico: Scholars Press, 1985.

PHILO. *The Works of Philo Judaeus of Alexandria*. Trad. Charles Duke Yonge. London: H. G. Bohn, 1894, Kindle Edition.

PRITCHARD, James B. [Ed.]. *The Ancient Near East: An Anthology of Texts & Pictures*. Princeton (NJ): Princeton University Press, 2011.

ROGERS, Robert William. *Cuneiform Parallels to the Old Testament*. New York: Eaton & Mains, 1912.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. Trad. Ivo Storniolo; José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.

SPEISER, E. A. *The Anchor Bible: Genesis*. Garden City (NY): Doubleday & Company, 1964.

THE JPS Torah Commentary: Deuteronomy. Comentários: Jeffrey H. Tigay. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1996.

THE JPS Torah Commentary: Exodus. Comentários: Nahum M. Sarna. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1991.

THE JPS Torah Commentary: Genesis. Comentários: Nahum M. Sarna. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1989.

THE LAWS of Manu. Trad. George Bühler. *Sacred Books of the East*, v. 25, 1886. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/hin/manu.htm>>. Acesso em: 4 jun. 2014.

WEISSMAN, M. *The Midrash Says: The Book of Beraishis*. New York: Benei Yakov Publications, 1980.



WESTCOTT, W. Wynn. *Numbers, Their Occult Power and Mystic Virtues*. London: Theosophical Pub. Society, 1911.

WOLFF, Hans Walter. *Anthropology of the Old Testament*. Mifflitown, PA: Sigler Press, 1996.

Softwares

BIBLE Hub. Glassport (PA): Online Parallel Bible Project, 2013, disponível em: <biblos.com>.

ENCYCLOPEDIA Yehudit. Hebraico. Gush Etzion (Israel): Daat Limudei Yehadut Veruah, Mikhlalat Herzog, 2010. Disponível em: <<http://www.daat.ac.il/encyclopedia/index.asp>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

JUDAIC Classics: The Soncino Talmud. Versão 3.4. New York: Judaica Press, 1990.

SEFARIA. Hebraico. New York: Sefaria Inc., 2014. Disponível em: <<http://www.sefaria.org>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

Recebido em: 20/09/2019.

Aprovado em: 20/10/2019.